



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Som dos Sinos - uma etnografia sobre a combinação entre documentário, tecnologia e novas mídias para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Autoria: Marcia Mansur de Oliveira (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

O 'Toque dos Sinos' e o 'Ofício de Sineiro' são registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônios culturais imateriais brasileiros. Tal registro é fruto do inventário que mapeia, em 9 cidades de Minas Gerais, 40 tipos de toques que compõem uma linguagem de comunicação sonora. Toques distintos anunciam o falecimento de homem, mulher ou criança; outros identificam missas, procissões, festas. Atualmente, os sineiros transmitem o conhecimento das badaladas e ritmos para novas gerações no contexto da performance, durante as horas sacras, apenas nas horas específicas em que se deve tocar o sino. No campo, percebemos as torres das igrejas como locais de articulação de conhecimentos que constituem o encontro colonial uma vez que a sonoridade dos toques dos sinos no Brasil tem forte influência percussiva afro-brasileira. Este artigo descreve a experiência do projeto de salvaguarda do patrimônio



imaterial Som dos Sinos, co-dirigido por uma antropóloga e uma artista visual, trazendo uma reflexão antropológica sobre dinâmicas de tradução da imaterialidade em imagens. Também propomos elaborar o desafio de produzir etnografias através de produção transmídia, uma vez que o projeto Som dos Sinos resultou em documentário de longa metragem, uma plataforma multimídia com cartografia sonora, um documentário interativo, cinema itinerante na fachada das igrejas, um aplicativo georreferenciado para celulares com mais de 100 faixas de áudio e uma vídeo-instalação composta de paisagem sonora e experiência imersiva no ambiente dos campanários em galerias de arte do Rio de Janeiro. Uma vez que narrativas são retidas em imagens e registros sonoros, a imaterialidade do patrimônio é traduzida para um meio concreto, capaz de transportá-la para lugares diversos, evidenciando aspectos materiais das práticas. Que oportunidades e limites estão associados à produção audiovisual e ao ambiente virtual no âmbito do patrimônio cultural imaterial? Como este conhecimento pode ser salvaguardado no mundo digital utilizando uma abordagem plástica? Diante dessas questões, proponho uma reflexão sobre a estética da escuta e a poética das performances como ferramentas de transmissão de conhecimentos. A proposta é pensar a dicotomia ontológica entre material e imaterial - e as consequentes reflexões acerca da materialidade do imaterial no campo da salvaguarda. Para tanto, propomos explorar as possibilidades do uso da imagem em movimento e de instalações sonoras para composição de narrativas etnográficas, através de uma descrição empírica dos usos do audiovisual na salvaguarda do patrimônio imaterial assim como reflexões sobre tais imagens como meios ao mesmo tempo intangíveis ? porque feitos de luz, e concretos ? porque carregados de sentidos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: